

◊ SENHOR
◊ DA GUERRA
BERNARD
CORNWELL

Tradução de
Alves Calado

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

A COTA DE MALHA é quente no verão, mesmo coberta com uma túnica de linho claro. O metal é pesado e esquenta implacavelmente. Por baixo da malha há um forro de couro, também quente, e naquela manhã o sol parecia uma fornalha. Meu cavalo estava irritadiço, atormentado por moscas. Mal ventava nas colinas baixas sob o sol do meio-dia. Aldwyn, o meu serviçal, carregava a minha lança e o meu escudo com reforço de ferro pintado com a cabeça de lobo de Bebbanburg. Bafo de Serpente, a minha espada, pendia à minha esquerda na cintura, o punho quase quente demais para ser tocado. Meu elmo, com o lobo de prata na crista, estava no arção da sela. O elmo podia cobrir toda a minha cabeça, ele era forrado de couro e tinha abas laterais que se cruzavam sobre a boca, de modo que tudo que os inimigos veriam seriam os meus olhos emoldurados em aço de batalha. Não veriam o suor nem as cicatrizes de toda uma vida de guerra.

Veriam a cabeça de lobo, o ouro no pescoço e os braceletes grossos ganhos em batalha. Eles me reconheceriam, e os mais corajosos — ou mais idiotas — iriam querer me matar pela fama que a minha morte traria, motivo pelo qual eu havia trazido oitenta e três homens para a colina, porque para me matar também teriam de enfrentar os meus guerreiros. Éramos os guerreiros de Bebbanburg, a alcateia selvagem do norte. E um padre.

O padre, montado num dos meus garanhões, não usava cota de malha nem portava arma. Tinha metade da minha idade, mas já exibia têmporas grisalhas. Seu rosto era comprido, barbeado, com olhos sagazes. Usava uma batina preta e longa, e tinha uma cruz de ouro pendurada no pescoço.

— Esse vestido não está quente? — rosnei para ele.

— Desconfortavelmente quente.

Falávamos em dinamarquês, sua língua nativa e da minha infância.

— Por que — perguntei — estou sempre lutando pelo lado errado?

Ele sorriu ao ouvir isso.

— Nem o senhor pode escapar do destino, senhor Uhtred. O senhor precisa realizar a obra de Deus, querendo ou não.

Engoli uma resposta atravessada e apenas encarei o vale amplo e sem árvores onde o sol se refletia com um brilho intenso em rochas pálidas e com um tremeluzir prateado num riacho. Ovelhas pastavam no alto da encosta leste da colina. O pastor tinha nos visto e tentava levar o rebanho para o sul, afastando-se de nós, mas os seus dois cães estavam com calor, cansados e com sede e provocaram pânico nas ovelhas em vez de arrebanhá-las. O pastor não tinha o que temer da nossa parte, mas viu cavaleiros na colina e a luz do sol cintilando em armas, por isso teve medo. No fundo do vale a estrada romana, agora pouco mais que uma trilha de terra batida ladeada por pedras enterradas pela metade e cobertas de mato, seguia reta como um cabo de lança junto ao riacho antes de fazer uma curva para o oeste logo abaixo da colina onde esperávamos. Um falcão dava voltas acima da curva da estrada, as asas imóveis se inclinando no ar quente. O distante horizonte meridional tremeluzia.

E do ar tremeluzente surgiu um dos meus batedores galopando a toda a velocidade, e isso só podia significar uma coisa. O inimigo estava a caminho.

Recuei com os meus homens e o padre para que ficássemos escondidos pela colina. Desembainhei um palmo de Bafo de Serpente, depois a deixei descansar de novo. Aldwyn me ofereceu o escudo, mas balancei a cabeça.

— Espere até conseguirmos vê-los.

Entreguei o meu elmo para ele, apeei e fui andando com Finan e o meu filho até a crista do morro, onde ficamos deitados olhando para o sul.

— Tudo parece errado.

— É o destino — respondeu Finan —, e o destino é uma puta. — Ficamos deitados no capim alto observando a poeira que o garanhão do batedor levantava da estrada. — Ele deveria cavalgar na beirada da estrada — comentou. — Lá não tem poeira.

O batedor, que agora reconheci que era Oswi, saiu da estrada e começou a longa subida até o topo da colina onde estávamos.

— Tem certeza com relação ao dragão? — perguntei.

— Não dá para não ver uma fera daquelas — confirmou Finan. — A criatura veio do norte, veio sim.

— E a estrela caiu do norte para o sul — disse o meu filho, enfiando a mão por baixo do peitoral da armadura para tocar a sua cruz. Meu filho é cristão.

A poeira no vale se esvaiu. O inimigo estava a caminho, mas eu não tinha certeza de quem era; só sabia que neste dia precisava lutar contra o rei que vinha do sul. E isso parecia totalmente errado, porque a estrela e o dragão disseram que o mal viria do norte.

Nós procuramos presságios. Até cristãos buscam no mundo esses sinais. Observamos o voo dos pássaros, tememos a queda de um galho, procuramos no padrão do vento na água, respiramos fundo ao escutar o grito de uma raposa fêmea e tocamos os nossos amuletos quando uma corda de harpa arrebenta, mas presságios são difíceis de ser lidos, a não ser que os deuses decidam tornar a mensagem clara. E três noites atrás, em Bebbanburg, os deuses enviaram uma mensagem que não poderia ter sido mais clara.

O mal viria do norte.

O dragão tinha voado no céu noturno acima de Bebbanburg. Não o vi, mas Finan viu, e confio em Finan. Era enorme, disse ele, com uma pele que parecia prata martelada, olhos como carvões ardentes e asas largas o suficiente para esconder as estrelas. Cada batida das asas monstruosas fazia o mar estremecer como um vendaval num dia calmo. Ele virou a cabeça para Bebbanburg, e Finan achou que o fogo jorraria a qualquer momento por toda a fortaleza, mas então as grandes asas lentas bateram mais uma vez, o mar estremeceu lá embaixo e o dragão continuou voando para o sul.

— E ontem à noite caiu uma estrela — disse o padre Cuthbert. — Mehrasa viu.

O padre Cuthbert, sacerdote de Bebbanburg, era cego e casado com Mehrasa, uma garota exótica, de pele escura, que tínhamos resgatado de um traficante de escravos em Lundene muitos anos atrás. Eu a chamo de garota

por hábito. Mas agora, obviamente, era uma mulher de meia-idade. Ficamos velhos, pensei.

— A estrela caiu do norte em direção ao sul — explicou o padre Cuthbert.

— E o dragão veio do norte — acrescentou Finan.

Não falei nada. Benedetta se encostou no meu ombro. Ela também não disse nada, mas apertou a minha mão.

— Sinais e portentos, alguma coisa terrível vai acontecer. — O padre Cuthbert fez o sinal da cruz.

Era uma tarde de início do verão. Estávamos sentados do lado de fora do salão de Bebbanburg, onde andorinhas voavam ao redor das empenas e ondas longas quebravam incessantes na praia abaixo das muralhas ao leste. As ondas nos davam ritmo, pensei, um som interminável que sobe e desce. Eu tinha nascido com aquele som e logo deveria morrer. Toquei o meu amuleto do martelo e rezei para morrer ao som das ondas de Bebbanburg e dos guinchos das gaivotas.

— Alguma coisa terrível — repetiu o padre Cuthbert —, e virá do norte.

Ou será que o dragão e a estrela cadente eram presságios da minha morte? Toquei o martelo de novo. Ainda sou capaz de cavalgar, de empunhar um escudo e de brandir uma espada, mas no fim do dia as dores nas juntas dizem que estou velho.

— A pior coisa da morte — falei, rompendo o meu silêncio — é não saber o que acontece depois.

Durante um tempo ninguém falou nada, então Benedetta apertou a minha mão de novo, dizendo com carinho:

— Você é um tolo.

— Sempre foi — concordou Finan.

— Talvez lá do Valhala o senhor possa observar o que acontece, não é? — sugeriu o padre Cuthbert. Como sacerdote cristão, ele não deveria acreditar no Valhala, mas aprendera muito tempo atrás a ser indulgente comigo. Ele sorriu. — Ou pode entrar para a Igreja de Roma, senhor — disse com malícia. — Garanto que, do céu, o senhor pode observar a terra!

— Em todos os seus esforços para me converter — falei —, nunca o escutei dizer que havia cerveja no céu.

— Esqueci de mencionar isso? — perguntou ele, ainda sorrindo.

— No céu vai ter vinho — disse Benedetta. — Vinho bom, da Itália.

Isso provocou silêncio. Nenhum de nós gostava muito de vinho.

— Ouvi dizer que o rei Hywel foi à Itália — disse o meu filho depois da pausa. — Ou talvez ele só esteja pensando em ir.

— A Roma? — perguntou Finan.

— É o que dizem.

— Eu gostaria de ir a Roma — disse o padre Cuthbert, desejoso.

— Não há nada em Roma — reagiu Benedetta com desdém. — Só ruínas e ratos.

— E o santo padre — contrapôs Cuthbert, afável.

Outra vez ninguém falou nada. Hywel, de quem eu gostava, era rei de Dyfed e, se ele achava seguro viajar para Roma, devia haver paz entre os seus galeses e os saxões da Mércia, o que significava que por lá não havia encrenca. Mas o dragão não tinha vindo do sul nem do oeste, tinha vindo do norte.

— Os escoceses — falei.

— Ocupados demais lutando contra os noruegueses — disse Finan de pronto.

— E atacando a Cúmbria — completou o meu filho com convicção.

— E Constantino está velho — acrescentou o padre Cuthbert.

— Estamos todos velhos — retruquei.

— E Constantino preferiria construir mosteiros a fazer guerra — continuou Cuthbert.

Eu duvidava que isso fosse verdade. Constantino era rei da Escócia. Gostei de conhecê-lo, era um homem sábio e elegante, mas eu não confiava nele. Nenhum nortumbriano confia nos escoceses, assim como nenhum escocês confia nos nortumbrianos.

— Isso nunca vai acabar — falei, desanimado.

— O quê? — perguntou Benedetta.

— Guerra. Problemas.

— Quando todos formos cristãos... — começou o padre Cuthbert.

— Rá! — interrompi.

— Mas o dragão e a estrela não mentem — continuou ele. — O problema virá do norte. O profeta disse isso nas escrituras! “*Quia malum ego adduco ab aquilone et contritionem magnam.*”

O padre fez uma pausa, esperando que algum de nós pedisse que traduzisse.

— Eu trarei o mal do norte — desapontou-o Benedetta — e muita destruição.

— Muita destruição! — exclamou o padre Cuthbert em tom agourento.

— O mal virá do norte! Está escrito!

E na manhã seguinte o mal chegou.

Do sul.

O navio chegou do sul. Mal havia um sopro de vento, o mar estava preguiçoso, suas pequenas ondas se desfazendo exaustas na longa praia de Bebbanburg. O navio que se aproximava, com uma cruz na proa, deixava uma esteira cada vez mais larga com um toque de ouro reluzente do sol da manhã. Era impedido a remos que subiam e desciam num ritmo lento e cansado.

— Os pobres coitados devem ter remado a noite toda — comentou Berg. Ele comandava os guardas da manhã postados nas muralhas de Bebbanburg.

— Quarenta remos — falei, mais para manter a conversa que para dizer a Berg o que ele obviamente conseguia ver sozinho.

— E vindo para cá.

— Mas de onde?

Berg deu de ombros.

— O que vai acontecer hoje?

Foi a minha vez de dar de ombros. O que aconteceria era o que sempre acontecia. Caldeirões seriam postos no fogo para ferver roupas, o sal evaporaria nas panelas ao norte da fortaleza, homens treinariam com escudos, espadas e lanças, cavalos seriam exercitados, peixes seriam defumados, água retirada dos poços profundos e cerveja seria fermentada na cozinha da fortaleza.

— Planejo não fazer nada — falei —, mas você pode levar dois homens e lembrar a Olaf Einerson que ele me deve arrendamento. Muito arrendamento.

— A mulher dele está doente, senhor.

— Ele disse isso no inverno passado.

— E perdeu metade do rebanho para os escoceses.

— Mais provável que tenha vendido — respondi, irritado. — Ninguém mais reclamou de ataques dos escoceses nessa primavera. — Olaf Einerson tinha herdado o arrendamento do pai, que nunca deixara de pagar com peles ou prata. Olaf, o filho, era um homem grande e habilidoso, cujas ambições, ao que me parecia, iam além de criar ovelhas de lã rústica nas colinas altas. — Pensando bem, pegue quinze homens e faça o desgraçado se cagar de medo. Não confio nele.

Agora o navio estava tão perto que dava para ver três homens sentados à frente da plataforma de popa. Um deles era um padre, ou pelo menos usava um manto preto e comprido, e foi ele que se levantou e acenou para a nossa muralha. Não acenei em resposta.

— Quem quer que sejam — falei a Berg —, traga-os ao salão. Eles podem me olhar bebendo cerveja. E espere antes de sair para enfiar algum tino na cabeça de Olaf à força.

— Esperar, senhor?

— Primeiro vamos ver o que eles estão trazendo — disse, assentindo para o navio que virava para a entrada estreita do porto de Bebbanburg. Pelo que conseguia ver, não transportava nenhuma carga. E os remadores pareciam exaustos, sugerindo que traziam notícias urgentes. — É de Æthelstan.

— De Æthelstan? — perguntou Berg.

— Não é um navio nortumbriano, é? — perguntei. Os navios da Nortúmbria tinham proas mais estreitas, e os construtores do sul preferiam uma proa larga. Além disso, esse navio tinha uma cruz, coisa que poucas embarcações nortumbrianas carregavam. — E quem usa padres para levar mensagens?

— O rei Æthelstan.

Fiquei olhando enquanto o navio virava para o canal de entrada, depois saí da muralha com Berg.

— Cuide dos remadores dele. Mande comida e cerveja e traga o desgraçado do padre para o salão.

Subi até o salão onde dois serviçais atacavam teias de aranha usando longas hastes de salgueiro com feixes de penas amarrados. Benedetta supervisionava para garantir que absolutamente todas as aranhas fossem expulsas da fortaleza.

— Temos visita — falei a ela —, portanto a sua guerra contra as aranhas precisa esperar.

— Não estou em guerra — insistiu ela. — Gosto de aranhas. Mas não na minha casa. Quem são os visitantes?

— Acho que são mensageiros de Æthelstan.

— Então devemos recebê-los de modo adequado! — Ela bateu palmas e ordenou que fossem trazidos bancos. — E tragam o trono da plataforma — ordenou.

— Não é um trono — falei. — É só um banco extravagante.

— *Uff* — disse ela. Era um som que Benedetta fazia sempre que eu a deixava exasperada. Isso me fez sorrir, o que só a irritou ainda mais. — É um trono, e você é o rei de Bebbanburg.

— Senhor — corrigi.

— Você é tanto rei quanto aquele idiota do Guthfrith — ela fez o sinal para espantar o mal. —, ou Owain, ou qualquer outro. — Era uma discussão antiga, e deixei para lá.

— E mande as garotas trazerem cerveja — falei — e um pouco de comida. De preferência que não esteja rançosa.

— E você deveria usar o manto escuro. Eu pego.

Benedetta era da Itália, arrancada de casa na infância por traficantes de escravos e comerciada por toda a cristandade até chegar a Wessex. Eu a libertei, e agora ela era a senhora de Bebbanburg, embora não fosse minha esposa.

— Minha avó — havia explicado mais de uma vez, sempre fazendo o sinal da cruz enquanto falava — dizia que eu nunca deveria me casar, que eu seria amaldiçoada! Já fui amaldiçoada o suficiente na vida. Agora estou feliz! Por que deveria me arriscar a uma maldição de avó? Minha avó nunca errou!

De má vontade deixei que ela pendurasse o dispendioso manto preto nos meus ombros, recusei-me a usar o diadema de bronze dourado que havia pertencido ao meu pai, e então, com Benedetta ao lado, esperei o padre.

E foi um velho amigo que veio da luz do sol para as sombras empoeiradas do grande salão de Bebbanburg. Era o padre Oda, agora bispo de Rammesburi, que andava empertigado e elegante, a longa batina preta com bainha de um tecido vermelho-escuro. Era escoltado por dois guerreiros saxões ocidentais

que educadamente entregaram as espadas ao meu administrador antes de acompanhar Oda até onde eu estava.

— Qualquer um pensaria — disse o bispo enquanto se aproximava — que o senhor é um rei!

— E é — insistiu Benedetta.

— E qualquer um pensaria que você é um bispo — falei.

Ele sorriu.

— Pela graça de Deus, senhor Uhtred, eu sou.

— Pela graça de Æthelstan — retruquei, depois me levantei e o recebi com um abraço. — Posso lhe dar os parabéns?

— Se quiser. Acho que sou o primeiro dinamarquês a ser bispo na Inglaterra.

— É assim que vocês chamam o lugar agora?

— É mais fácil que dizer que sou o primeiro bispo dinamarquês em Wessex, na Mércia e na Ânglia Oriental. — Ele baixou a cabeça para Benedetta. — É bom revê-la, senhora.

— E é bom vê-lo, meu senhor bispo. — Ela fez reverência.

— Ah! Então os boatos estão errados! A cortesia vive em Bebbanburg!

Ele riu para mim, satisfeito com a própria brincadeira, e eu sorri. Oda, bispo de Rammesburi! A única coisa surpreendente na nomeação era Oda ser dinamarquês, filho de imigrantes pagãos que invadiram a Ânglia Oriental a serviço de Ubba, que eu matei. E agora o dinamarquês filho de pagãos era bispo na Inglaterra saxã! Não que ele não merecesse. Oda era um homem perspicaz e inteligente e, pelo que eu sabia, tão honesto quanto o dia é longo.

Houve uma pausa porque Finan viu Oda chegar e veio cumprimentá-lo. Oda estivera conosco quando defendemos o Portão dos Aleijados, uma luta que havia posto Æthelstan no trono. Posso não ser cristão nem amante da cristandade, mas é difícil não gostar de um homem que compartilhou conosco uma batalha desesperada.

— Ah, vinho. — Oda cumprimentou um serviçal e se virou para Benedetta. — Sem dúvida abençoado pelo sol italiano, imagino.

— Mais provavelmente mijado por camponeses da Frankia — falei.

— O encanto dele não diminui, não é, senhora? — Oda se sentou. Depois olhou para mim e tocou a pesada cruz no peito. — Trago notícias, senhor Uhtred. — Sua voz ficou subitamente cautelosa.

— Era o que imaginava.

— E o senhor não vai gostar. — Oda manteve o olhar fixo em mim.

— E não vou gostar — ecoei, e esperei.

— O rei Æthelstan — explicou com calma, ainda me olhando — está na Nortúmbria. Entrou em Eoferwic há três dias. — Oda fez uma pausa, como se esperasse o meu protesto, mas não falei nada. — E o rei Guthfrith não entendeu a nossa chegada e fugiu.

— Não entendeu — falei.

— De fato.

— E ele fugiu de você e Æthelstan? Só de vocês dois?

— Claro que não — continuou Oda, ainda calmo. — Estávamos escoltados por mais de dois mil homens.

Eu havia lutado o suficiente, queria ficar em Bebbanburg, queria ouvir as ondas do grande mar quebrando na praia e o vento suspirando em volta da cumeeira do salão. Sabia que me restavam poucos anos, mas os deuses foram gentis. Meu filho era homem e herdaria grandes terras, eu ainda conseguia cavalgar e caçar e tinha Benedetta. Claro, o gênio dela era o de uma fuinha no cio, mas Benedetta era amorosa e leal, tinha uma luz que clareava os céus cinzentos de Bebbanburg e eu a amava.

— Dois mil homens — falei em tom inequívoco — e ele ainda precisa de mim?

— Ele requisita a sua ajuda, senhor, sim.

— Ele não consegue fazer a invasão sozinho? — Eu estava ficando com mais raiva.

— Não é uma invasão, senhor. — Oda ainda estava calmo. — Só uma visita real. Uma cortesia entre reis.

Ele poderia chamar aquilo como quisesse, mas ainda era uma invasão.

E eu estava com raiva.

Estava furioso porque Æthelstan havia jurado jamais invadir a Nortúmbria enquanto eu vivesse. Mas agora ele estava em Eoferwic com um exército, e eu tinha oitenta e três homens esperando atrás da crista de uma colina não muito ao sul de Bebbanburg para cumprir com a sua ordem. Tive vontade de dizer não a Oda, queria lhe dizer que levasse o seu navio maldito de volta a Eoferwic e cuspsse na cara de Æthelstan. Estava me sentindo traído. Dei o trono a Æthelstan, mas desde aquele dia distante em que lutei no Portão dos Aleijados ele me ignorou, e isso não me incomodou. Sou nortumbriano e vivo longe das terras de Æthelstan, e só queria ser deixado em paz. Mas no fundo sabia que era impossível haver paz. Quando nasci, a Britânia saxã estava dividida em quatro reinos: Wessex, Mércia, Ânglia Oriental e a minha Nortúmbria. O rei Alfredo, avô de Æthelstan, sonhara em uni-los num reino que ele chamava de Anglaterra, e esse sonho estava se realizando. O rei Æthelstan governava Wessex, a Mércia e a Ânglia Oriental. Só restava a Nortúmbria, e Æthelstan tinha jurado a mim que não tomaria esta terra enquanto eu vivesse, mas agora estava no meu reino com um exército e pedindo a minha ajuda. De novo. E no fundo eu sabia que a Nortúmbria estava condenada, que Æthelstan tomaria o meu reino ou Constantino iria acrescentá-lo às suas terras. E a minha lealdade era aos que falavam a minha língua, a língua saxã que chamamos de ænglisc, e por isso havia levado oitenta e três guerreiros de Bebbanburg para emboscar o rei Guthfrith da Nortúmbria, que tinha fugido da invasão de Æthelstan. O sol ardia alto e luminoso, o dia estava imóvel.

Oswi, num cavalo embranquecido de suor, trazia notícias da aproximação de Guthfrith.

— Vão chegar logo, senhor.

— Quantos?

— Cento e quatorze. Alguns prisioneiros também.

— Prisioneiros? — perguntou, incisivo, o bispo Oda, que tinha insistido em nos acompanhar. — Só estávamos esperando um cativo.

— Eles têm algumas mulheres, senhor — continuou Oswi, falando comigo. — Estão sendo conduzidas como ovelhas.

— As mulheres estão a pé?

— Alguns homens também, senhor. E muitos cavalos estão mancando. Eles cavalgaram depressa! — Oswi pegou um odre de couro com Roric, lavou a boca com cerveja, cuspiu no capim e tomou outro gole. — Parecem ter viajado a noite toda.

— E devem ter viajado mesmo, para chegar tão longe tão depressa — falei.

— Eles estão exaustos agora — disse Oswi, animado.

O bispo Oda havia trazido as notícias de Eoferwic, e o navio dele tinha feito a viagem em dois dias apesar dos ventos esporádicos, mas os homens que se aproximavam pela estrada longa e reta fugiram da cidade a cavalo. Eu costumava ir de Bebbanburg a Eoferwic em uma semana, mas admito que era uma viagem vagarosa e me permitia longas noites em salões amistosos. Uma vez eu a havia feito em quatro dias, mas jamais num calor como o deste início de verão. Os fugitivos de Eoferwic tinham partido e cavalgado depressa, mas os remadores do bispo Oda os haviam ultrapassado rapidamente, e agora os cavalos cansados os traziam para a nossa emboscada.

— Não é uma emboscada — insistiu o bispo Oda quando usei a palavra. — Só estamos aqui para persuadir o rei Guthfrith a voltar para Eoferwic. E o rei Æthelstan requisita a sua presença em Eoferwic também.

— A minha? — perguntei, seco.

— Sim. E requisita que o senhor liberte o cativo de Guthfrith.

— Cativos — corrigi.

— De fato. — Oda não deu importância a isso. — Mas Guthfrith deve ser levado de volta a Eoferwic. Ele precisa apenas da garantia de que o rei Æthelstan vem com amizade.

— Com mais de dois mil homens? E todos com cota de malha, todos armados?

— O rei Æthelstan gosta de viajar com pompa — respondeu Oda, altivo.

Æthelstan poderia descrever a visita a Eoferwic como amistosa, mas ainda assim houve lutas na cidade porque de fato era uma conquista, uma invasão relâmpago, e, por mais que relutasse em dar qualquer crédito a Æthelstan, tive de admirar o que ele havia conseguido realizar. Oda me contou que Æthelstan trouxera um exército de mais de dois mil homens atravessando a fronteira com a Mércia, depois os levava num ritmo implacável para o norte, abando-

nando qualquer homem ou cavalo que fraquejasse. Eles marcharam rápido pela estrada e chegaram a Eoferwic enquanto sua presença na Nortúmbria ainda era um boato não confirmado. O portão sul da cidade fora aberto por guerreiros saxões ocidentais que tinham se infiltrado em Eoferwic fingindo ser mercadores, e o exército de Æthelstan inundou as ruas.

— Houve alguma luta na ponte — disse Oda então —, mas pela graça de Deus os pagãos foram derrotados e os sobreviventes fugiram.

Esses sobreviventes eram comandados por Guthfrith, e Æthelstan havia mandado o bispo Oda com a exigência de que eu barrasse as estradas para o norte, impedindo que Guthfrith escapasse para a Escócia. E era por esse motivo que eu esperava na colina, sob o sol ardente. Finan, o meu filho e eu estávamos deitados na crista do morro, olhando para o sul, enquanto o bispo Oda estava agachado atrás de nós.

— E por que Guthfrith não deveria escapar para a Escócia? — perguntei-lhe, irritado.

Oda suspirou diante da minha estupidez.

— Porque isso dá a Constantino um motivo para invadir a Nortúmbria. Ele vai simplesmente alegar que está devolvendo o rei legítimo ao trono.

— Constantino é cristão — falei. — Por que ele lutaria por um rei pagão?

Oda suspirou de novo, o olhar distante, para onde a estrada desaparecia no calor.

— O rei Constantino sacrificaria as próprias filhas a Baal se isso aumentasse o reino dele.

— Quem é Baal? — perguntou Finan.

— Um deus pagão — respondeu Oda com desdém. — E quanto tempo o senhor acha que Constantino toleraria Guthfrith? Ele vai colocá-lo de volta no trono, casá-lo com uma das suas filhas e mandar que ele seja estrangulado discretamente, e os escoceses serão donos da Nortúmbria. Portanto, Guthfrith não deve chegar à Escócia.

— Lá — avisou Finan, e ao longe um grupo de cavaleiros surgiu na estrada. Eu mal conseguia vê-los, um borrão de cavalos e homens no mormaço do verão. — Estão mesmo cansados.

— Queremos Guthfrith vivo — alertou Oda — e de volta a Eoferwic.

— Você já me disse isso — resmunguei — e ainda não sei por quê.

— Porque o rei Æthelstan exige. Por isso.

— Guthfrith é um pedaço de bosta velha — falei. — Seria melhor matá-lo.

— O rei Æthelstan exige que o senhor o mantenha vivo. Por favor, faça isso.

— E eu devo obedecer às ordens dele? Ele não é meu rei.

Oda me lançou um olhar sério.

— Ele é o *monarchus totius Britanniae*. — Limitei-me a encará-lo até que ele desse a tradução. — Ele é o monarca de toda a Britânia.

— É assim que ele se declara agora?

— É.

Funguei. Æthelstan vinha se chamando rei dos saxões e dos anglos desde que fora coroado, e tinha algum direito a esse título, mas governante de toda a Britânia?

— Imagino que o rei Constantino e o rei Hywel possam discordar — sugeri a contragosto.

— Tenho certeza de que sim — observou Oda calmamente. — Mesmo assim o rei Æthelstan deseja que o senhor impeça Guthfrith de chegar à Escócia e que liberte o cativo dele incólume.

— Cativos.

— Cativo.

— Você não se importa com as mulheres? — perguntei.

— Eu rezo por elas, claro. Mas rezo mais ainda pela paz.

— Paz? — perguntei raivoso. — Invadir a Nortúmbria traz a paz?

Oda pareceu magoado.

— A Britânia está agitada, senhor. Os noruegueses a ameaçam, os escoceses estão inquietos e o rei Æthelstan teme a chegada de uma guerra. E teme que seja uma guerra mais terrível que todas que já conhecemos. Ele quer evitar uma carnificina e para isso implora ao senhor que resgate o cativo e mande Guthfrith para casa em segurança.

Eu não entendia por que mandar Guthfrith para casa traria a paz, mas me lembrei do dragão voando acima das muralhas de Bebbanburg e sua mensagem sinistra de guerra. Olhei para Finan, que deu de ombros como se

dissesse que entendia tanto quanto eu. Mas era melhor tentarmos obedecer à ordem de Æthelstan. Lá embaixo, no vale, pude ver com mais clareza os homens se aproximando e as mulheres cativas andando no fim da longa coluna de cavalos.

— Então, o que vamos fazer? — perguntou Finan.

— Vamos descer até lá — falei, recuando da crista do morro —, sorrir educadamente e dizer ao idiota desgraçado que ele é nosso prisioneiro.

— Convidado — insistiu o bispo Oda.

Roric me ajudou a montar e Aldwyn me entregou o elmo com crista de prata. O forro de couro estava quente e desconfortável. Afivelei-o embaixo do queixo, mas deixei as abas laterais desamarradas. Depois peguei com Aldwyn o escudo com a cabeça de lobo.

— Nada de lança por enquanto — falei com ele. — E, se houver alguma luta, fique fora de encrenca.

— Ele costumava me dizer a mesma coisa. — Roric riu.

— E por isso você está vivo — rosnei. Roric foi o meu serviçal antes de Aldwyn, mas agora tinha idade para ficar na parede de escudos.

— Não haverá luta — insistiu o padre Oda, sério.

— É Guthfrith — falei. — Ele é idiota e luta antes de pensar, mas vou fazer o máximo para manter o idiota cabeça de bagre vivo. Vamos!

Levei os meus homens para o oeste, sempre fora do campo de visão de Guthfrith. Quando o vi pela última vez, ele estava a pouco menos de um quilômetro da curva da estrada, viajando numa lentidão dolorosa. Fomos rapidamente, os nossos cavalos mais descansados que os dele. Em seguida descemos a colina passando entre os pinheiros, atravessamos o riacho espirrando água para todos os lados e chegamos à estrada. Lá formamos uma linha de duas fileiras, de modo que, quando os fugitivos surgissem, veriam duas filas de cavaleiros de cota de malha e escudo reluzente e pontas de lanças cintilando ao sol. Esperamos.

Eu não gostava de Guthfrith e ele não gostava de mim. Ele passou três anos tentando fazer com que eu lhe jurasse lealdade, e durante três anos recusei. Por duas vezes ele mandou guerreiros a Bebbanburg e por duas vezes mantive o Portão dos Crânios fechado, desafiando os lanceiros dele a atacar a fortaleza, e por duas vezes eles foram embora.

Agora, debaixo do sol quente, seus lanceiros estavam mais uma vez nas minhas terras, só que agora eram comandados pelo próprio Guthfrith, e ele devia estar com raiva. Acreditava que o seu reino estava sendo roubado e num instante veria os meus homens com a imagem do lobo nos escudos, e ele não só não gostava de mim como também perceberia que estava em maior número. O bispo Oda podia esperar, devotamente, que não houvesse luta, mas Guthfrith encurralado seria como uma doninha num saco: ensandecido e maligno.

E ele tinha reféns.

Não só as mulheres, ainda que elas precisassem ser resgatadas. Astuto, Guthfrith havia arrancado o arcebispo Hrothweard da catedral em Eoferwic.

— Durante a missa! — relatara Oda cheio de horror. — Durante a missa! Homens armados na catedral!

Eu me perguntei se Guthfrith ousaria machucar o arcebispo. Isso iria torná-lo inimigo de cada governante cristão da Britânia, embora talvez Constantino engolisse a raiva por tempo suficiente para colocá-lo de volta no trono da Nortúmbria. Um arcebispo morto seria um preço pequeno a pagar por uma Escócia maior.

Então eles apareceram. Os primeiros cavaleiros se viraram para nós na curva da estrada. Eles nos viram e pararam, e aos poucos os guerreiros seguintes se juntaram a eles.

— Vamos até lá — disse Oda.

— Não vamos — retruquei.

— Mas...

— Você quer uma chacina? — rosnei.

— Mas... — tentou de novo o bispo.

— Eu vou — falei impulsivamente.

— O senhor...

— Eu vou sozinho. — Devolvi o meu escudo a Aldwyn e apeei.

— Eu deveria acompanhar o senhor — insistiu Oda.

— E lhe dar dois padres como reféns? Um bispo, além de um arcebispo? Ele adoraria.

Oda olhou para os homens de Guthfrith se organizando lentamente numa linha mais extensa que a nossa. Pelo menos vinte deles estavam a pé,

com os cavalos mancos demais para ser montados. Todos estavam colocando elmos e erguendo escudos que exibiam o símbolo de Guthfrith, um javali com presas longas.

— Convide-o a vir conversar comigo — pediu Oda. — Prometa que ele estará em segurança.

Ignorei isso, olhando para Finan.

— Vou tentar me encontrar com Guthfrith na metade do caminho — avisei a Finan. — Se ele trouxer homens, mande o mesmo número para mim.

— Eu vou — prontificou-se Finan, sorrindo.

— Não, você fica aqui. Se houver algum problema, você saberá quando ir. E, quando for, seja rápido.

Ele assentiu, entendendo. Finan e eu tínhamos lutado juntos por tanto tempo que era raro precisar lhe explicar o que planejava. Ele riu.

— Irei como o vento.

— Senhor Uhtred... — começou Oda.

— Vou fazer o máximo para manter Guthfrith vivo — interrompi — e os reféns também.

Eu não sabia ao certo se conseguiria fazer isso, mas não tinha dúvida de que, se avançássemos todos até uma distância da qual pudéssemos gritar com os homens de Guthfrith, haveria luta, ou então os reféns teriam lâminas no pescoço. Guthfrith era idiota, mas era um idiota orgulhoso, e eu sabia que ele recusaria a exigência de entregar os prisioneiros e voltar humildemente para Eoferwic. Ele precisava recusar, porque concordar implicaria perder o moral diante dos seus guerreiros.

E esses guerreiros eram noruegueses, noruegueses orgulhosos que acreditavam ser os guerreiros mais temidos de todo o mundo conhecido. Eram mais numerosos que nós e viam uma oportunidade de matança e saque. Muitos eram jovens, queriam reputação, queriam os braços cheios de braceletes de ouro e prata, queriam que os seus nomes fossem mencionados com terror. Queriam me matar, pegar os meus braceletes, as minhas armas, a minha terra.

Por isso andei sozinho na direção deles, parando pouco depois da metade do caminho entre os meus homens e os guerreiros cansados de Guthfrith, que neste momento estavam mais ou menos a distância de um longo disparo

de flecha. Esperei, e, como Guthfrith não fez nenhum movimento, sentei-me num marco romano caído, tirei o elmo e olhei as ovelhas na crista do morro distante, depois levantei os olhos para admirar o falcão se equilibrando no vento fraco. O pássaro descrevia círculos, portanto nada de mensagem dos deuses.

Eu fui sozinho porque queria encontrar Guthfrith sozinho, ou no máximo com dois ou três companheiros. Tinha certeza de que ele estava preparado para uma batalha, mas Guthfrith sabia que os seus homens estavam cansados e os cavalos desgastados. E eu achava que até mesmo um idiota como Guthfrith exploraria a chance de evitar uma luta se pudesse vencer o confronto sem sacrificar uma dúzia de guerreiros ou mais. Além disso, ele tinha reféns, e sem dúvida achava que podia usá-los para me obrigar a recuar humilhado.

E ainda assim Guthfrith não se moveu. Devia estar intrigado. Viu que eu estava sozinho e aparentemente sem medo, mas um homem não se torna rei sem certa astúcia, e ele estava se perguntando qual seria a armadilha. Decidi deixá-lo acreditar que não havia armadilha, por isso me levantei, chutei algumas pedras meio enterradas na estrada velha, dei de ombros e comecei a ir embora.

Isso o impeliu a avançar. Ouvi os cascos, virei-me de volta, coloquei o elmo e esperei outra vez.

Ele trouxe três homens. Dois eram guerreiros, um dos quais puxava um cavalo pequeno carregando o arcebispo Hrothweard, ainda usando os mantos com bordados reluzentes que sacerdotes cristãos usam nas igrejas. Parecia incólume, apesar de cansado, o rosto queimado de sol e o cabelo branco emaranhado.

Também ouvi cavalos atrás de mim. Olhei e vi que Finan tinha mandado Berg e o meu filho.

— Fiquem atrás de mim — gritei para eles. Os dois viram que Guthfrith e os seus homens haviam desembainhado espadas e agora também tiraram as espadas longas da bainha. Berg estava atrás de mim, à minha direita, de frente para o homem que segurava o cavalo de Hrothweard. Meu filho estava à minha esquerda, confrontando o outro guerreiro.

— O que... — começou a perguntar o meu filho.

— Não diga nada! — ordenei.

Guthfrith conteve o seu gananhão a apenas dois ou três passos de mim. Seu rosto gorducho, emoldurado pelo aço do elmo, brilhava de suor. O irmão dele de um olho só, Sigtryggr, tinha sido bonito, mas Guthfrith bebeu cerveja demais e comeu muita coisa gordurosa, por isso agora se acomodava pesado na sela. Tinha olhos pequenos e desconfiados, nariz achatado e uma barba longa e trançada que descia por cima da cota de malha elaborada. Seu cavalo era enfeitado com adereços de prata, o elmo tinha uma asa preta de corvo no topo, e agora a espada era mantida junto ao pescoço de Hrothweard.

— Senhor arcebispo — cumprimentei.

— Senhor Uht... — começou Hrothweard, mas parou abruptamente quando Guthfrith comprimiu a sua goela com o gume da espada.

— Dirija-se a mim primeiro — rosnou Guthfrith. — Eu sou o seu rei.

Olhei para ele e franzi a testa.

— Pode me lembrar qual é o seu nome? — perguntei, e ouvi o meu filho dar uma risadinha.

— Quer esse padre morto? — perguntou Guthfrith com raiva. A pressão da espada forçava Hrothweard a se inclinar para trás na sela. Seus olhos amedrontados me espiavam por cima da lâmina cinza.

— Não em particular — falei, despreocupado. — Gosto dele um bocado.

— O suficiente para implorar pela vida dele?

Fingi refletir sobre a pergunta, depois assenti.

— Se o senhor jurar libertá-lo, implorarei pela vida dele, sim.

Guthfrith sorriu com desdém.

— Haverá um preço.

Notei como Guthfrith parecia desajeitado. Hrothweard estava à sua esquerda e Guthfrith empunhava a espada com a mão direita.

— Sempre há um preço — falei, dando um pequeno passo à esquerda, obrigando Guthfrith a desviar um pouco a cabeça de Hrothweard. A espada oscilou. — O rei Æthelstan deseja meramente falar com o senhor. Ele lhe promete a sua vida e o seu reino.

— Æthelstan é uma bosta do cu de um porco. Ele quer a Nortúmbria.

Guthfrith estava certo, claro, pelo menos com relação ao que Æthelstan desejava.

— Æthelstan cumpre com suas promessas — falei.

Embora, na verdade, Æthelstan tivesse me traído, tivesse quebrado a promessa, mas ali estava eu; fazendo exatamente o que ele queria.

— Ele prometeu — retrucou Guthfrith — não invadir a Nortúmbria enquanto o senhor vivesse, no entanto ele está aqui!

— Ele veio falar com o senhor, nada além disso.

— Talvez eu devesse matar o senhor. Talvez o bostinha gostasse disso.

— Pode tentar — falei. O cavalo do meu filho se agitou atrás de mim, um casco batendo numa pedra quebrada.

Guthfrith avançou com o cavalo na minha direção e passou a espada por cima do pescoço do animal, de modo que a lâmina estivesse na minha frente.

— O senhor nunca me fez um juramento de lealdade, senhor Uhtred; no entanto, eu sou o seu rei.

— Verdade — respondi.

— Então fique de joelhos, jarl Uhtred — ele disse a palavra “jarl” em tom de zombaria —, e me faça um juramento.

— E se eu não fizer?

— Então o senhor vai alimentar Presa de Javali. — Presumi que Presa de Javali fosse o nome da espada dele, agora perto do meu rosto. Eu via as mossas nos gumes afiados, sentia o calor do aço no rosto e fiquei ofuscado pelo sol se refletindo nos vagos redemoinhos do aço forjado. — De joelhos! — ordenou, balançando a espada.

Olhei para os seus olhinhos desconfiados.

— Vou exigir a vida do arcebispo em troca do juramento — falei — e a das outras reféns.

— O senhor não pode exigir nada — rosnou ele. — Nada! — Então me cutucou com a espada, raspando a ponta na minha cota de malha até ela se prender num elo, me forçando a recuar meio passo. — O senhor vai jurar lealdade a mim e só vai receber o que eu optar por dar. Agora de joelhos! — E cutucou de novo com mais força.

Meu filho ofegou atônito quando me ajoelhei humildemente e baixei a cabeça. Guthfrith deu uma risadinha e manteve a ponta da espada perto do meu rosto.

— Beije a lâmina — ordenou ele — e diga as palavras.

— Senhor rei — comecei, humilde, e fiz uma pausa. Minha mão encontrou uma pedra mais ou menos do tamanho de um punho.

— Mais alto! — rosnou Guthfrith.

— Senhor rei — repeti —, juro por Odin... — E com isso levantei a pedra e acertei a boca do garanhão com ela. Bati no bridão, esmagando o enfeite de prata, mas o golpe deve ter doído porque o cavalo empinou e relinchou. A espada de Guthfrith desapareceu do meu campo de visão. — Agora! — gritei, mas nem o meu filho nem Berg precisaram do encorajamento. Guthfrith estava lutando para se manter na sela do cavalo empinado. Levantei-me, xingando a dor nos joelhos, e agarrei o seu braço da espada. Meu filho estava à minha esquerda, mantendo o guerreiro à direita de Guthfrith distraído, empurrando a espada na barriga dele. Continuei segurando Guthfrith, puxei-o de novo e fui puxado para a direita pelo garanhão, mas enfim Guthfrith despencou no chão. Arranquei a espada dele, ajoelhei-me na sua barriga e mantive a lâmina de Presa de Javali junto à sua barba espalhada. — De mim você só terá um juramento, seu sapo desgraçado — rosnei. — A promessa de matá-lo.

Ele tentou se levantar de repente e eu forcei a espada para baixo, o que o fez parar.

E atrás de mim Finan investia. As lanças dos meus homens estavam abaixadas, a ponta delas brilhando ao sol forte. Os homens de Guthfrith demoraram para reagir, mas agora também vinham.

E mais uma vez eu não tinha certeza se estava lutando pelo lado certo.